



VELHAS FORTIFICAÇÕES

DESDE A infância da humanidade — ensina o General Macedo da Fontoura Costallat — a fortificação foi sempre a arma de defesa coletiva na luta das nações. Não é, pois, de admirar que, quando os portugueses, em 1500, aportaram ao Brasil, já encontrassem entre muitas tribus de índios o uso de caixas ou trincheiras, cobrindo seus aldeamentos e tabas, construídas com fortes estacas, tostadas ao fogo e fincadas sólidamente, deixando a espaços aberturas ou seteiras, através das quais flechavam os atacantes.

Aquela época, datando de pouco tempo o emprêgo da artilharia, a fortificação das praças era rudimentar, consistindo, unicamente, na construção de muralhas de madeira ou pedra, tendo, de distância em distância, torres quadradas ou circulares. Assim, êsses redutos e fortins, levantados pelos donatários das Capitânicas e primeiros governa-

dores para defenderem as povoações das invasões estrangeiras e dos ataques dos selvagens, não podiam ser muito superiores às caixas d'ârtaria, nem ofereciam grande resistência, o que explica a facilidade com que eram tomadas, logo aos primeiros assaltos. Só mais tarde, os franceses e holandeses introduziram entre nós algumas idéias mais adiantadas de fortificações.

No Rio de Janeiro, as primeiras fortificações datam de meados do século XVI. A cidade contava, então, com apenas a praça das Armas do antigo morro do Castelo, os fortes do Pontal de Santiago (depois Calabouço) e de Santa Cruz (onde está hoje a igreja da Cruz dos Militares) e a bateria de São Teodósio (atual fortaleza de São João).

Contam os historiadores que na praça das Armas do morro do Castelo, guarnecida de baluartes e bastiões, havia uma torre para depósito de pólvora. Foi depois que se construiu essa torre ou castelo que o monte ganhou o nome de Morro do Castelo.

Em 1718, era o seguinte o estado das nossas fortificações: São João dispunha de 42 peças de diversos calibres, 34 de ferro e 8 de bronze, e 2.162 balas; Conceição, 36 peças e 1.000 balas; Ilha das Cobras, 26 peças e 216 balas; São Sebastião do Castelo, 24 peças e 835 balas; Ville-gaignon, 20 peças e 1.080 balas; Praia Vermelha, 12 peças e 211 balas; São Januário (Castelo) 11 peças e 120 balas; Santiago, 8 peças e 27 balas; Santa Luzia, 5 peças e 28 balas; e Prainha, 4 peças e 50 balas. A fortaleza da Laje não possuía artilharia, por não ter ainda bateria concluída.

Com a trasladação da sede do governo colonial, da Bahia para o Rio de Janeiro, em 1763, trataram os vice-reis de melhorar as defesas da cidade, levantando baterias em quase todos os montes e praias da Guanabara e litoral sul da barra.

Entre essas obras de fortificação destacam-se as realizadas no governo de D. Luiz de Almeida Portugal Soares Alarcão d'Eça Melo Silva Mascarenhas, 2.^o Marquês de Lavradio (1769-1779), que reparou os fortes de São João, Laje, Calabouço e Ilha das Cobras; levantou o reduto do Leme, no topo da ladeira do mesmo nome; reforçou as obras de defesa dos morros de São Bento e do Castelo; edificou na "Casa do Trem" (Arsenal de Guerra) novo armazém para depósito do material bélico e uma forte muralha do lado do mar etc.

A fotografia mostra os vestígios de uma dessas fortificações — o antigo Forte do Leme — mandado levantar por Lavradio, há quase dois séculos, com o fim de opôr resistência a tropas inimigas que, conseguindo desembarcar na praia de Copacabana, procurassem atingir o coração da metrópole.

Ainda hoje lá está a velha muralha, verdadeira relíquia da cidade.